

REVISTA ADVENTISTA

«Sauda-vos a África Equatorial»
A nova Igreja de Oliveira do Douro
O 11.º Acampamento dos M. V.

ANO XXIV N.º 205

“Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor!”

A. CASACA

ASSIM cantava o Salmista exteriorizando o sentimento de profunda alegria que o inundava, ao receber a notícia de que ia, novamente, visitar o Senhor, na sua santa casa. Era, também, com estas mesmas expressões que, todos os anos, os Israelitas manifestavam, igualmente, a sua extrema alegria, quando se dirigiam para a casa do Senhor.

E os cânticos de alegria e de louvor reboavam de quebrada em quebrada, de montê a vale, repercutindo-se ao longe, entoados pelos numerosos grupos de peregrinos que, demandavam, pressurosos e radiantes de contentamento, a casa do Senhor.

O mesmo aconteceu com o Salvador, todas as vezes que se dirigia à Casa do Senhor, onde ia entregar-se, mais exclusivamente, à oração e aos «negócios de seu Pai».

Estou certo, prezados Irmãos e Irmãs, que o mesmo acontece com todos nós quando nos dizem «Vamos à casa do Senhor», por ocasião destas reuniões, que nos congregam, amigável e fraternalmente, vindos de todas as nossas igrejas. O mesmo, porém, devíamos sentir, todas as vezes que nos dirigimos à casa do Senhor, pois pela Sua divina Providência continuamos a usufruir todo esse caudal de graças e bênçãos que nem sequer somos capazes de conhecer, nem mesmo enumerar; por isso, também, continuamente, Lhe deveríamos dirigir as nossas acções de graças por tantos e tão assinalados favores.

Mais uma vez temos o grande privilégio de nos reunirmos em Assembleia. Não se trata, evidentemente, para nós, de mero ensejo de ostentar paradas ou exibicionismos. Os nossos objectivos são muito diferentes, porque são de ordem espiritual.

«É de importância que os membros das nossas igrejas assistam aos Congressos. Os inimigos da verdade são muitos; e, porque pequeno é o nosso número, cumpre-nos apresentar uma

frente tão forte, quanto possível. Necessitamos, individualmente, dos benefícios das reuniões; por isso, Deus nos convida a sermos os primeiros nas fileiras da verdade». (Testemunhos selectos, Vol. II, pág. 378).

Assim nos doutrina o Espírito de Profecia, fazendo-se eco, de resto, daquele outro preceito de Salomão: «... mas na multidão de conselheiros há segurança».

Estamos, pois, bem firmes na celebração das nossas Assembleias com o apoio tanto da Palavra de Deus como da Mensageira do Senhor.

Mais do que nunca, nestes nossos calamitosos tempos que denunciam, insofismavelmente, o Tempo do Fim, nestes nossos tão atribulados tempos temos, mais do que nunca, estrita necessidade de nos reunirmos para trocar impressões, animarmo-nos com o bom exemplo mútuo, traçar planos para prosseguirmos no trabalho que certamente há-de contribuir para apressar a Vinda gloriosa do Salvador.

Hoje, a palavra da moda é o famoso Ecumenismo. Trata-se mais de um ardil de Satanás para desviar as almas, para desviar os Cristãos do verdadeiro momento em que nos encontramos. Enquanto as igrejas cristãs procuram, por todos os meios a tão apregoada unidade, para com ela poderem estabelecer a paz neste pobre mundo que dormita num vulcão de pólvora, as mentes desviam-se da verdadeira situação, porque bem sabemos que a solução dos problemas que estão angustiado a humanidade não se encontra em nenhum meio humano. «Pois quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição», como nos adverte o apóstolo Paulo na sua primeira carta aos Tessalonicenses.

Por isso nos reunimos para prosseguirmos, sempre, e indefectivelmente no estudo da Sagrada Escritura, ao mesmo tempo que temos oportunidade de ouvir a palavra autorizada dos nossos

(Continua na pág. 24)

SUMÁRIO

«Alegrei-me quando me disseram:
Vamos à casa do Senhor!»

Editorial

«Sauda-vos a África Equatorial»
Algumas experiências do meu
campo de trabalho

A nova Igreja de Oliveira do Douro
Notícias do Campo

A Página do Colportor

O 11.º Acampamento dos M.V.

O Auxiliar da Escola Sabatina

ANO XXIV N.º 205

OUTUBRO 1963

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:
D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
E. MIRANDA, F. CORDAS,
F. MENDES, M. LARANJEIRA
E P. BRITO RIBEIRO

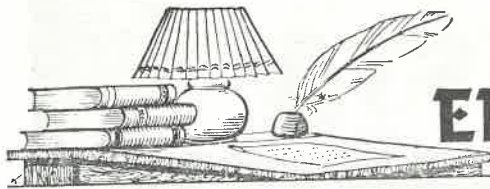
PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SETIMO DIA

Redacção e Administração:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00
Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos:

A todos dirijo as minhas cordiais e fraternais saudações cristãs: aos prezados Irmãos que vieram às Assembleias, assim como aos dilectos Irmãos que ficaram nas suas igrejas. Entre os primeiros, saliento os nossos Irmãos da Divisão.

Possam estas reuniões ser ricamente abençoadas, pois muito necessitamos da protecção especial do Senhor nosso Deus.

Que elas sejam o prelúdio daquelas celestiais Assembleias que teremos, dentro em breve, na Pátria eterna, na companhia do nosso Divino Salvador.

Reabriram as aulas

Com a reabertura das aulas reabrem também as melhores esperanças para os pais e para os estudantes.

Ainda não foi possível, neste ano lectivo que vai começar, abrir o nosso Colégio.

Temos de prosseguir sem desfalecimentos, orando e trabalhando para que sejam removidos os obstáculos que se erguem obstinadamente contra a sua abertura.

Façamos o bom propósito de desencadear uma ofensiva de orações, neste sentido, pedindo ao Senhor que nos permita abrir, bem depressa o nosso Colégio.

Semana de Oração

Estamos a um mês da *Semana de Oração*. É uma das semanas mais abençoadas de todo o ano. Mais uma vez o Senhor nos concede a graça de participarmos numa *Semana de Oração*. Quantos dos nossos Irmãos e Irmãs, que no ano passado, estiveram connosco, e que tiveram então a sua última *Semana de Oração*? E, talvez não pensassem que seria aquela, precisamente, a sua última *Semana de Oração*. E, agora, quanto a nós, prezados Irmãos e Irmãs, quem nos garante que não seja, também, para

nós, agora, a nossa última *Semana de Oração*? Não nos fiemos nem na nossa saúde, nem na nossa idade; num instante, num segundo, podemos adormecer, fechar os olhos.

Façamos, portanto, desta *Semana de Oração* o que fariamos se soubéssemos, positivamente, que era a nossa última *Semana de Oração*.

Aproveitamos o ensejo para vos lembrar, prezados Irmãos, a conveniência de assinardes a nossa REVISTA ADVENTISTA, pois assim tereis ao vosso dispor um precioso repositório de informações acerca do nosso Movimento, assim como importantes e interessantes artigos de carácter religioso. Em todos os lares adventistas devia entrar a REVISTA ADVENTISTA.

Esforço de Evangelização

Vai principiar o denominado *Esforço de Evangelização*, em todas as nossas igrejas. Pode dizer-se que vamos ter, que temos de ter, que necessitamos de ter as nossas igrejas ao trabalho. Todos não seremos demais, para tomarmos parte no Esforço de Evangelização.

Temos de mobilizar todas as forças vivas das igrejas: desde o Obreiro até o mais pequeno dos nossos jovens, encontramos trabalho para todos; há que distribuir convites, há que receber carinhosamente as visitas, há que apresentar belos cânticos, há que preparar as salas, há que chamar almas para Jesus. Há trabalho para todos, porque, quem não puder trabalhar, activamente, tem que orar mais do que costuma fazer, pelo bom êxito do Esforço. Que Deus abençoe largamente o *Esforço de Evangelização* e nos conceda a todos, indistintamente a melhor vontade para trabalharmos com todo o entusiasmo para apressarmos a Vinda do Salvador.

A. Casaca

Nos quatro cantos do nosso planeta se encontram representantes da grande família adventista. Os nossos membros de igreja dos países metropolitanos trabalham e oram pelos irmãos e irmãs dos países menos desenvolvidos que os seus. Enviam para junto deles, os seus filhos como missionários; dão-lhes dos seus recursos e recolhem ofertas que depois lhes mandam. E, se em cada Sábado ouvem falar do trabalho realizado naqueles vastos e remotos

podermos recorrer a administrações competentes! Que prazer, também, o termos à nossa disposição, nos grandes armazéns tudo o que pôde satisfazer as nossas necessidades materiais! Uma longa tradição habituou-nos às comodidades da vida corrente. Por isso, é só depois de uma viagem missionária que podemos medir — com a condição, porém, de observarmos e reflectirmos — toda a distância que separa o modo de existência dos países

Não vou mencionar, aqui, os numerosos colegas que vi a trabalhar, na África, porque cometeria esquecimentos tão desagradáveis

POR
G. CUPERTINO

“SAUDA-VOS a

campos de acção missionária, também se lhes recordam as necessidades desses mesmos campos. Por isso, é normal que um visitante vindo de longe para se unir às alegrias e às dificuldades dos missionários locais, comunique as suas impressões aos fiéis das nossas igrejas; que os torne participantes, de certa maneira — embora mediante uma descrição imperfeita — da vida dos nossos obreiros naqueles sectores isolados e distantes. Vemos aqueles destemidos missionários lançados no trabalho, secundados pelas esposas dedicadas, é caso para nos fazer corar perante os nossos pretendidos «problemas», a nós, que vivemos em países em que uma água límpida e não poluída corre da torneira; onde a luz brilha, assim que tocamos num interruptor; onde a vida está organizada para satisfazer as mais variadas exigências dos indivíduos; onde o médico mora a dois passos da nossa porta, assim como o farmacêutico; onde não há, praticamente, rastos de mosquitos nem de formigas; onde as diferenças de temperatura são, geralmente, pouco sensíveis — onde, numa palavra, a civilização oferece ao homem o máximo de conforto.

Não há dúvida de que também, para nós, a existência apresenta as suas dificuldades e as suas lutas. Mas, nas nossas aflições, que conforto não sentimos por termos, junto de nós, bons amigos em quem podemos confiar ou pedir conselhos! Nos nossos pequenos problemas de ordem prática, que satisfação o

civilizados, daquele outro modo de vida, bem instável, cheio de surpresas, por vezes desagradáveis, dos países de missão.

Escrevo estas linhas aproveitando uma paragem em Nanga Eboko. Tive o prazer de acompanhar o

como involuntários. Limitar-me-ei a citar alguns nomes de presidentes de campos: o do Irmão Girard, por exemplo, que durante as suas longas viagens tem percorrido as ilhas do Oceano Índico dependentes da ilha-mãe, Madagascar; o do Irmão Ferreira, de Angola, que temos sempre presente nas nossas orações; o do Irmão Pichot e do grupo de obreiros da África do Norte, que, recusando-se a capitular perante as dificuldades, presentes, esperam, em silêncio, o socorro do Eterno; e finalmente, o do Irmão A. Cosendai, que há vários anos trabalha nos Camarões. Todos estes

África Equatorial”

Irmão A. Cosendai, Presidente da União, através dos territórios da África Equatorial, por ocasião de uma série de reuniões de obreiros. Durante esta visita, na altura do Equador, não posso deixar de pensar noutros países da África, que tive o privilégio de visitar para tratar dos interesses da Obra de Deus. Por toda a parte encontramos, nas populações, o desejo de conhecer melhor as simples e maravilhosas verdades do Evangelho, nomeadamente a da Volta do Salvador e a da vida cristã equilibrada. Quando vemos aqueles corpos de pele negra ou trigueira, aqueles olhos brilhantes, aqueles rostos ingénuos que largos sorrisos iluminam; diante daquelas crianças grandes que vêm ouvir com confiança o pregador que vem de longe, compreendemos por que é que o missionário aceita partir para tão longe da sua querida pátria, da sua família, da sua civilização, assim como os riscos e as incertezas de uma existência de pioneiros.

servos do Mestre bem merecem o nosso afecto e a nossa admiração. Acompanhando-os nas suas deslocações, como agora o estou fazendo, nos Camarões, não vejo, apenas pregadores que sobem à tribuna a dizer sermões — muito embora todos eles se desempenhem desta sagrada função com toda a dignidade e autoridade — mas vejo, principalmente neles obreiros sobre quem impendem as mais diversas tarefas e por vezes, as mais ingratas. É assim que o missionário muitas vezes tem de presidir aos longos e por vezes difíceis trabalhos de um conselho; logo a seguir, tem de preparar a bagagem para uma longa viagem, que é sempre uma aventura. Não podem esquecer-se de nada, porque bastas vezes têm de acampar em locais, onde tudo falta; por isso, têm de levar as tendas com as camas, os fogões de petróleo, os fósforos, os mosquiteiros, a provisão de água e de víveres, os medicamentos, e ainda tudo o que for necessário para

poder reparar uma avaria na carrinha. Por isso, o motorista tem de ser, também, mecânico, porque, na selva, não há garagem!

Assim, um exemplo, para amostrear. Tendo partido de Yaoundé para visitar a estação de Nyamboudou, onde está a ser construído um seminário para os nossos evangelistas, fomos surpreendidos por uma chuva torrencial. A pista transformara-se num riacho de lama avermelhada. A carrinha recusava-se a avançar, porque as rodas patinavam na lama. E chovia, sem cessar... Três vezes, baldadamente, o Irmão Cosendai tentou avançar; à quarta tentativa, as rodas pegaram. A noite caía e ainda tínhamos diante de nós, cinquenta quilómetros, mas em que condições! Seguíamos por um caminho que serpenteava através da espessura da floresta tropical. A cada instante, ramos e troncos de árvores, pedras a barrarem, a dificultarem o caminho, e... tremendos solavancos. Mas o motorista prosseguia com a maior segurança roçando, por vezes, na temeridade, mas sem perigo, porque ele conhecia muito bem o caminho. Renunciei a procurar ver para a frente, porque os faróis dissipavam as trevas apenas a alguns metros de distância. Compreendi, então, o que significa «andar pela fé». Na carrinha iam também três Irmãs e dois indígenas que o Irmão Cosendai tinha recebido, quando passámos por uma aldeia e que iam também para Nyamboudou. Na noite, apesar das inumeráveis sacudidelas, apesar do perigo constante de acidente, os nossos crentes indígenas cantavam os nossos belos hinos em francês. Não tinham medo: sabiam que um motorista corajoso estava ao volante.

Se nós fizéssemos como eles, se também nós cantássemos sempre durante as tempestades da vida, com a certeza de que «o nosso Piloto lá está para guiar o nosso esforço», então seríamos fiéis mais consequentes na prática do Cristianismo.

Finalmente, chegámos ao nosso destino. Ficámos em casa da família Waber, que estava de férias. A débil claridade do candeeiro de petróleo, preparámos uma ligeira

refeição. O pão, comprado no caminho num mercado indígena, porque esquecemos de o meter em Yaoundé, foi torrado por cima da chama — «a prudência é a mestra da segurança.»... Uma hora mais tarde, na sinfonia nocturna da floresta equatorial, procurava eu adormecer com um pensamento de afecto para os meus, dispersos ao longe.

Na manhã seguinte, inspecção das obras. Era interessante o «contramestre» Cosendai examinar, aconselhar, interessar-se pela dose de cimento, pela qualidade das vigas, assim como por outras minúcias importantes para a boa realização dos trabalhos da construção em curso. Depois de havermos estudado vários problemas com os membros da estação local, tivemos uma breve conversa com o chefe da aldeia, que encontrámos rodeado por uma dúzia de esposas: ainda ali reina a poligamia! Tivemos, depois, de partir, porque ainda tínhamos diante de nós uma longa viagem. Dirigimo-nos para a nossa estação de Sangmélina; aqui encontrámos reunidos uns vinte evangelistas das regiões vizinhas para uma convenção de três dias. Também aqui tivemos oportunidade de notar em todos os assistentes um grande fervor e um intenso desejo de aprender. Também ali, o missionário — por sinal o Irmão H. Walder — tem a seu cargo o trabalho de evangelização, o bom andamento da escola e tantas outras actividades de toda a estação missionária. Por seu lado, a Irmã Walder, sua esposa, é a enfermeira, a parteira, a conselheira da missão; a mãe de todas as crianças, pequenas e grandes, que lá residem.

Depois de Sangmélina é o regresso a Yaoundé. Esta instituição, inteiramente independente, financeiramente, foi em grande parte fundada por iniciativa do Irmão K. Scheidegger. O Irmão J. Lafrancesca, seu actual director, deu-lhe um impulso enorme, não dispondo, de início, senão de uma máquina, a tipografia tem hoje sete, que imprimem com pleno rendimento.

Terminado o conselho, prosseguimos a nossa viagem para uma outra convenção de obreiros em Nanga-Eboko, a mais importante das nossas estações. Na sua propriedade, encontra-se um seminário que forma os nossos obreiros indígenas. Desta vez, tínhamos como companheiro de viagem o Irmão R. Bergstrom, vindo do norte dos Camarões. Este pioneiro da nossa missão nesta região já aqui trabalha há trinta e quatro anos, conservando sempre a sua força, a sua coragem e o seu bom humor. Que quantidade de histórias interessantes não tem ele, sempre, para contar!

Todas elas mostram o poder irresistível do Evangelho e o amor do Salvador pelos pecadores.

Em Nanga-Eboko, várias famílias de missionários assumem as diferentes responsabilidades da estação: educação, assistência médica, trabalhos da igreja local, formação de obreiros. A este último respeito, o colégio de Nyamboudou, que abrirá as suas portas neste próximo Outubro de 1963, prestará preciosos serviços, secundando a instituição principal, sobrecarregada de alunos. Uns sessenta obreiros africanos expressaram o seu reconhecimento pela instrução que receberam na missão. Um deles disse-nos: «Muito vos agradecemos, irmãos europeus, por não nos terdes abandonado a nós mesmos. Temos necessidade de vós».

Terminada a convenção, passámos um dia em plena selva, visitando as estações de Simba e Mesa, no interior. Por toda a parte, o mesmo interesse apaixonado, a mesma sede de ouvir a história, sempre nova, do Evangelho! Seguidamente, o nosso programa levava-nos a Batouri, onde dissemos adeus ao Irmão E. Ludescher, aos seus colaboradores e às suas famílias.

Já em plena marcha, parámos em Bertoua, onde o Irmão S. Olinga, que dirige esta missão, e alguns outros evangelistas se nos juntaram. Em Batouri, o Irmão A. Kinder e a esposa empregam os seus talentos para desenvolverem ao máximo as possibilidades locais. Um moinho de

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DO MEU CAMPO DE TRABALHO

DIFÍCIL seria, senão impossível, traçar em poucas linhas, aquilo que constitui a minha experiência como obreira na causa durante este ano; limitar-me-ei, pois, a um simples esboço da mesma.

O Porto foi, por assim dizer, o meu primeiro campo de trabalho. Depois do período de adaptação, a princípio com um certo sentimento de receio, depois com mais confiança, iniciei o trabalho.

Comecei a contactar inicialmente com cerca de uma dezena de pessoas, e hoje, graças ao Senhor, eleva-se a mais de quarenta o número de interessados com quem mantenho contacto regular.

Entre estes encontram-se pessoas de todas as classes e credos religiosos e é com uma alegria íntima, que eu verifico progressos aqui e acolá e vejo como muitas mentes

outrora fechadas ao conhecimento se abrem pela acção da Palavra de Deus, e sobretudo ver que algumas delas já fizeram a sua decisão pelo Senhor e mesmo outras selaram já o seu pacto com Ele através das águas baptismas.

Seria interessante contar-vos algumas experiências particulares, mas isso ocuparia demasiado espaço. A pouco e pouco foram surgindo novos contactos suscitando-se uma cadeia de interesses, alguns deles poderei acrescentar, nitidamente providenciais.

Neste trabalho teremos de enfrentar todas as espécies de erros e falsas ideologias, o Senhor requer obreiros para a sua seara pois «os campos já estão maduros para a ceifa».

Se todos os membros da igreja sentissem sua responsabilidade pe-

rante a ordem do Senhor «Ide...» onde existe uma obreira existiriam dez e o número de interessados em vez de ser de algumas dezenas elevar-se-ia às centenas, pois estou certa de que Deus tem muitas almas sedentas de verdade que esperam as «Boas-Novas» da Salvação.

Diz-nos a Palavra de Deus «O que semeia pouco, pouco também ceifará...» e se nós fazemos apenas a nossa parte não somos senão servos inúteis! É preciso dar tudo pois «quando não se deu tudo nada se deu» e então será para nós a promessa «os que semeiam em lágrimas ceifarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando voltará, sem dúvida, com alegria trazendo consigo os seus molhos». Sal. 126:5, 6.

RITA DANIELA

mandioca, uma prensa para extrair o óleo de palma, uma carpintaria, escolas, um dispensário — sem esquecer uma pequena colónia de Pigmeus vindos a refugiar-se à sombra da missão — fazem desta estação um centro activo e vivo, mas cuja administração não é das mais fáceis. Na manhã de Sábado, mais de trezentas pessoas se encontravam reunidas na capela. As crianças da escola, bem vestidas, marchavam em boa ordem, pelas ruas da cidade: deste modo, toda a gente via que era o dia de Sábado dos Adventistas! O Senhor Administrador a quem tínhamos ido cumprimentar, confirmou-nos que os Adventistas eram muito aprecia-

dos na sua circunscrição. Disse-nos, também, que tinha transmitido ao Ex.^{mo} Presidente da República a expressão do nosso reconhecimento pelo bom entendimento que reina entre as autoridades civis e os nossos missionários.

Foi em Yaoundé que terminou a nossa viagem pelos Camarões, e foi aqui que terminei esta minha crónica. Nesta mesma noite, tenciono chegar a Douala, onde se está a realizar uma campanha pública de evangelização, no centro da cidade, sob a direcção de Eliseu Cupertino, e do pastor da igreja local, Irmão A. Ekitiké. As quatro primeiras conferências tiveram lugar na sala comunal, tendo reunido uma assistência de mais de trezentas pes-

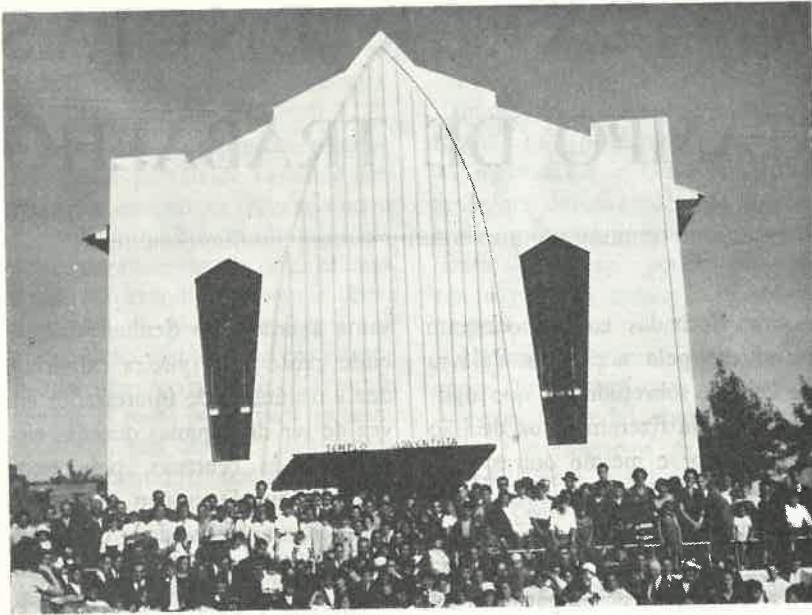
soas. As seguintes têm-se realizado numa sala especialmente alugada, e que foi baptizada com o nome de «Círculo de Estudos Vida e Luz».

Depois de amanhã, espero tomar o avião de regresso a Paris.

No final desta visita aos nossos obreiros e às nossas estações missionárias dos Camarões, não posso deixar de manifestar os sentimentos do apóstolo Paulo, quando chegou a Roma, onde «deu graças a Deus e tomou coragem». Porque nada é mais consolador para um enviado do Mestre do que constatar os progressos da Obra nos lugares que vai visitando!

G. CUPERTINO

A NOVA



Após a impressionante cerimónia da dedicação da nova igreja

A uma escassa dezena de quilómetros da Cidade Invicta encontra-se Oliveira do Douro. Já de há muito que ali haviam sido anunciadas as boas novas da Mensagem. E desde que as primeiras sementes haviam sido, carinhosa e amorosamente lançadas à terra, que a atmosfera se impregnara desse aroma balsâmico que denuncia a presença do Salvador prossequindo na sua obra de chamar para Si as almas preciosas que remiu com o seu sangue divino.

O sonho de tantos Irmãos e Irmãs

de possuírem uma igreja acabou, finalmente por ter a sua plena e radiosa satisfação. Na Rua Dr. Gaspar da Costa Leite ergue-se, hoje, uma magnífica construção de traçado moderno, airosa, mas sólida, que é a nossa igreja. A poucas dezenas de metros, numa curva, em frente do cemitério local, a igreja católica. A igreja adventista, bem lavada de luz e de ar encanta com o seu lindo aspecto.

A cerimónia da inauguração estendeu-se pelos dias 7 e 8 de Setembro, presidida pelo Pastor Ar-



O Pastor Baião acompanhado do Irmão Cardoso e circundado dos fiéis e visitas, antes da abertura na nova igreja

mando Casaca, Director da União Portuguesa dos Adventistas, e dirigida pelo Pastor António Baião, que tem a seu cargo a igreja do Porto, assim como esta nova igreja.

«AMPLIA O LUGAR DA TUA TENDA...»

O Sábado, dia 7 de Setembro, amanheceu cheio de luz e de alegria. A partir das primeiras horas da manhã, o local da nova igreja era o *rendez-vous* da povoação: os nossos Irmãos e Irmãs celebrando o Dia do Senhor, os demais habitantes com a curiosidade própria dos acontecimentos que sobressaem na vida de um burgo. Em frente da igreja estendiam-se em longa fila os automóveis dos nossos Irmãos vindos de várias partes, como visitas amigas a solidarizarem-se na grande confraternização de tão lindo dia.

Duas boas centenas de pessoas aguardavam, ao longo da rua o início da cerimónia. Às 10 horas em ponto, o Pastor Baião adiantou-se no topo da escadaria que conduz à porta principal e estendendo os braços num largo gesto de silêncio e saudação, rapidamente dominou o vozear discreto da assistência. Por entre o silêncio da multidão leu o Salmo 84; saudou, seguidamente, os presentes e agradeceu à União, assim como ao Irmão Cardoso tudo quanto haviam feito para que tivesse sido possível a construção daquele Templo. Terminou com uma oração seguida atentamente por todos os circunstantes. Às 10 e 8 minutos o Presidente da União Portuguesa, Pastor Casaca dirigiu-se para a entrada do templo e cortou a fita simbólica que até então vedava a entrada.

Todos os presentes entraram, ordeira e radiantemente no templo, enchendo, literalmente o vasto salão que tem capacidade para cerca de trezentos lugares sentados.

La principiari a Escola Sabatina, que foi dirigida pelo Irmão Teixeira Júnior, circundado pelos representantes das Escolas Sábatinas de

IGREJA

DE

OLIVEIRA DO DOURO

Avintes, irmão Alberto e Espinho, irmão Pedro. A lição do dia foi exposta, em conjunto, e esteve a cargo do brioso jovem Hermínio Monteiro.

O CULTO SOLENE DA CONSAGRAÇÃO E DEDICAÇÃO

Eram 11 horas e 11 minutos quando toda a assistência se ergueu à entrada na tribuna dos Pastores Casaca, Lourinho, Miranda, Baião e Abella.

Antes de mais, procedeu-se à constituição da nova igreja pela admissão dos seus membros — os primeiros membros, cuja lista foi lida pelo Pastor Baião.

De acordo com os preceitos denominacionais o Pastor Casaca propôs para primeiro membro o Irmão Alves. Este, seguidamente, propôs o segundo; estes dois propuseram o terceiro e assim sucessivamente, sendo cada um dos novos propostos aprovado pelos antecedentes, como únicos membros idóneos para o fazer.

Estava assim devidamente constituída a nova igreja de Oliveira do Douro.

O Director da União Portuguesa, depois de haver saudado os presentes, historiou, em síntese o que fora o movimento naquela localidade. Disse que o pioneiro fora o Pastor Lourinho — presente na tribuna — e que este aproveitara um enterro a que procedera para então pregar ali — já lá iam uns trinta e tantos anos, a Mensagem.

«De entre os que então ouviram a Mensagem — acrescentou — felizmente, estava ali a Irmã Aninhas, a quem convidou a subir à tribuna. Esta nossa simpática e animosa Irmã, subiu à tribuna, onde o Director da União a saudou calorosamente, convidando-a a permanecer ali, a seu lado. «A Irmã Aninhas prosseguiu — no dizer expressivo do falecido Pastor Abella

— pai do actual Pastor José Abella — era denominada a «sacristã», pois o «abade» era a falecida Irmã Rocha».

Sempre escutado com a maior atenção, o Pastor Casaca referiu,

depois, que ainda na assistência se encontrava uma Irmã, que naquele momento se sentiria rejubilante: era a Irmã Carmen Sala, que tanto se dedicara, naquele lugar por chamar muitas almas para a verdade; ela suspirara por ver ali uma igreja: devia estar contente, pois via realizados os seus desejos. Convidou-a a subir também à tribuna, saudando-a calorosamente. Seguidamente saudou o Irmão Cardoso a quem também se deve a construção daquele belo templo. Ofereceu o terreno da sua propriedade e adiantou os fundos para a construção, que ele próprio dirigiu na sua qualidade de construtor civil. Pediu-lhe, também, que subisse à tribuna.

Proseguindo concedeu três minutos ao Pastor Lourinho para se dirigir aos assistentes. Na sua verbosidade fluente e sugestiva o Pastor Lourinho agradeceu as amáveis referências que o Director da União lhe fizera e recordou com saudade aqueles tempos em que calcurriava o caminho Porto-Oliveira do Douro para prosseguir na pesada herança que recebera do Pastor Abella, que



O Director da União Portuguesa no culto de Sábado

falecera, pouco depois de ele — Pastor Lourinho — ter chegado ao Porto como seu auxiliar.

«O Porto foi sempre uma igreja missionária — continuou — e estou certo de que sempre assim continuará».

O Director da União dá a palavra à Irmã Carmen que, muito comovida e de lágrimas nos olhos mal pode pronunciar que se sente incapaz de dizer algo.

Também a Irmã Aninhas falou para manifestar o seu grande regozijo por tão belo dia.

O Irmão Cardoso convidado,



O Director da União Portuguesa no momento da consagração da nova igreja



O Pastor Casaca procedendo ao exame doutrinário dos neófitos

também, a falar, limitou-se a agradecer visivelmente comovido.

Iniciou-se o culto: eram 11 horas e 45 minutos. O Pastor Casaca, no uso da palavra, sempre animada e entusiástica começou por dizer que era sua intenção dar aos presentes uma mensagem viva, repleta de esperança, a esperança da Volta iminente do Salvador. Depois de haver ainda recordado os primórdios da pregação naquele lugar saudou expressamente os Obreiros que ali haviam trabalhado: os já mencionados Pastores Abella e Lourinho e depois todos os que se sucederam, limitando-se a enumerar em conjunto, não fosse por lapso a come-

ter omissões sempre ingratas e indesejáveis. Comentou o passo de Crón. 7:14 relacionando-o com II Pedro 2:9.

Terminou lançando um veemente apelo à união de todos os irmãos e irmãs, de acordo com o desejo expresso do Salvador. Só temos um único Mediador. Só temos um sinal: o Sábado do Senhor.» Recordando que Jesus nos foi preparar um lugar pergunta quem são os que desejam fazer parte do cumprimento da profecia de Ap. 14:12. Toda a assistência se levantou, profundamente comovida. O Pastor Casaca convidou, depois os presentes a recolherem-se durante um mi-



O coro sob a proficiente regência do Irmão Alves

nuto para verificarem se lhes falta alguma coisa para poderem cumprir aquele passo apocalíptico.

As 12 horas e 15 minutos o Director da União Portuguesa começou a leitura do acto da dedicação do novo templo. Estende os braços e no meio do profundo recolhimento de toda a assistência pronunciou a oração da dedicação, sublinhada por um fervoroso Amem de todos os presentes.

O Pastor Baião anunciou que se ia levantar a oferta, na qual poderíamos, com a nossa contribuição, exteriorizar o desejo de nos entregarmos a Deus.

Por volta das 12 horas e 30 minutos findava a impressionante cerimónia com a qual se acendeu mais um potente farol para iluminar as mentes dos homens clamando que o Senhor Jesus vai voltar em breve.

IGREJA FORMADA E JÁ AUMENTADA

Às 16 horas teve lugar a cerimónia baptismal. Ao fundo da tribuna correm-se os reposteiros e numa graciosa ogiva surge o cenário admirável que simboliza a morte para o pecado e o ressurgir para uma nova vida.

O Pastor Abella faz a oração inicial. O Pastor Baião explica o significado do acto que se vai processar: uma nova vida mediante um novo nascimento. Saliu depois a maneira de ministrar o baptismo, assim como as condições pressupostas: crença e arrependimento.

O Director da União procedeu, depois, ao exame doutrinário dos candidatos, que em número de sete desceram, depois às águas baptismas, pela mão do Pastor Baião.

Finda a cerimónia, enquanto os candidatos e o Pastor se preparavam para regressar ao convívio dos irmãos, o Dr. Samuel Ribeiro subiu à tribuna para o apelo final. Tocando sensivelmente o coração dos presentes e com a ajuda de Deus, o Dr. Samuel Ribeiro atraiu até junto da tribuna 25 almas que se declararam prontas a renderem-se ao Salvador.

Finalmente, o Pastor Baião entregou solenemente os diplomas do certificado de Baptismo aos novos Irmãos, que foram sucessivamente abraçados pelo Director da União que lhes deu as boas vindas em

nome da União; pelo Dr. Samuel Ribeiro em nome da Conferência, e pelos Pastores Baião e Abella em nome das igrejas do Norte.

Foi com muito prazer que registámos entre as amáveis visitas a dos nossos prezados Irmãos, Pastor Eugénio Rodríguez, de Viseu, Irmãos Sampaio Nunes e Echevarria, também de Viseu.

OS SINAIS DE JESUS

Às 20 horas e 30 minutos teve lugar no vasto salão da igreja totalmente repleto a conferência do Dr. Samuel Ribeiro, subordinada ao título: «Para onde caminha o nosso Mundo?»



Uma cena da parte dramática integrada no Programa dos MV.



O Pastor Baião orando após os baptismos

A notável conferência foi precedida e seguida da projecção de dois filmes documentários coloridos de grande interesse.

TEM A PALAVRA A JUVENTUDE

O domingo, dia 8 foi reservado aos nossos jovens M. V. A sala lindamente adornada. Na tribuna, ao fundo, a bandeira nacional, circundada pelos estandartes dos M. V. locais.

O Programa foi variado e sempre cheio de interesse. Os Jovens que apenas tinham pena de não

recitarem, cantaram e representaram, sempre com agrado de todos, poderem aplaudir e de pedir bis, num ou noutro número.

Uma palavra muito especial para os Coros, Apresentaram-se dois: o da igreja de Avintes e o Coro da Igreja, ambos sob a proficiente regência do Irmão Alves.

Em todos os seus números foram sempre escutados com a maior atenção, deixando em todos os assistentes, as melhores impressões.

As solenidades findaram com a conferência pública que teve lugar às 21 horas, e que também foi

acompanhada por dois belos hinos executados pelo Coro da Igreja.

Que Deus derrame copiosamente as suas mais escolhidas bênçãos sobre a nova igreja de Oliveira do Douro. Que os nossos irmãos e irmãs se sintam sempre animados por aquela bendita fé, que uma vez foi dada aos santos, fé que aquece a esperança, aquela bendita esperança da Volta do Senhor, para que se mantenha sempre bem viva, bem estuante de caridade, o amor para com Deus, o amor para com Jesus e o amor para com os nossos irmãos, amor este que é, afinal, o sinal de que amamos a Deus.



O Pastor Casaca com as Irmãs Aninhas e Carmen

DE MOÇAMBIQUE

SOCIEDADE DE JOVENS DE LOURENÇO MARQUES

A nossa Sociedade de Jovens Missionários Voluntários esteve profundamente adormecida durante os primeiros meses do presente ano, despertando apenas uma vez por outra para mimosear os seus membros com uma Reunião de Jovens, para logo cair de novo no seu sono que por vezes se prolongou a meses.

Mas um novo espírito tem-se feito notar entre a nossa Juventude que, inspirada pelo sucesso que foi a Festa das Mães, e muito bem dirigida pelos seus líderes, tem sur-

NOVO LAR ADVENTISTA

Na igreja de Lisboa consorciaram-se os nossos prezados Irmãos, Maria Luzia Marques Martins Fer-



nandes e António do Nascimento Fernandes. Presidiu à cerimónia o Pastor Samuel Graça que proferiu uma alocução apropriada ao acto. Os noivos foram muito cumprimentados pelos presentes. Que Deus abençoe o seu novo lar.

gido regularmente, oferecendo aos que tiveram o privilégio de a elas assistir, inspiradoras e interessantes Reuniões de Jovens.

Assim, no passado dia 30 de Junho, a conhecida mas sempre nova «História da Ilha dos Amotinados», foi apresentada. Os que tomaram parte nesta Reunião fizeram ressaltar o «poder do Evangelho para a Salvação», ao narrar a história da Ilha de Pitcairn, desde os incidentes com a Revolta na Bounty, até à completa aceitação da Verdade Adventista, após os primeiros contactos dos nossos Missionários. Os coros e poesias acrescentaram cor e alegria aqueles momentos, e a conclusão, com uma série de projecções de diapositivos sobre a última Reunião da Conferência Geral em S. Francisco da Califórnia, serviu para impressionar na mente dos presentes como a Mensagem do Advento está sendo levada a todo o Mundo na nossa geração.

No Domingo, dia 14 de Julho, uma vez mais os nossos Jovens revelaram o seu entusiasmo, dedicando uma Reunião à «História dos Mensageiros Silenciosos», em que focaram o começo e o desenvolvimento da Obra das Publicações Adventistas. O relato dos emocionantes episódios da vida dos Pioneiros desta grandiosa Obra, os cânticos e os poemas, e a excepcional Exposição de Livros e Revistas das nossas Publicadoras, tudo contribuiu para que esta Reunião de Jovens redundasse em louvor a Deus. Todos ficaram impressionados pela contribuição que estes «Mensageiros Silenciosos» que são os livros têm dado para que o Evangelho esteja literalmente «voando» até aos confins da Terra.

São os votos e o ardente desejo de cada membro da nossa Sociedade, que esta se desenvolva à altura das suas possibilidades e cumpra fielmente a sua parte, ajudando a Juventude Adventista a alcançar o seu alvo num futuro muito próximo.

Lourenço Marques, Julho 1963

João dos Santos

Adormeceu no Senhor, e ficou sepultada no cemitério de Sapataria, Pero Negro, a nossa Irmã Rita Cordas, esposa do nosso Irmão Cordas e mãe do irmão Francisco Cordas, feitor da Quinta da futura Escola de Pero Negro.

A toda a família Cordas, nomeadamente ao Pastor Cordas, de quem era tia, exprimimos o nosso pesar, compartilhando, também com todos os nossos irmãos da esperança de nos encontrarmos todos, no bendito Dia da Volta do Salvador.

Pastor Manuel Laranjeira — Acompanhado da Esposa e de seus dois gentis filhos regressou de Cabo Verde, em bem merecido gozo de férias, o Pastor Manuel Joaquim Dias Laranjeira. Esteve em Collonges a tomar parte no Curso Teológico. Dirigiu, este ano, o Acampamento dos M.V. cuja crónica redigiu e publicamos neste número da *Revista Adventista*. O Pastor Laranjeira que era o Director da Missão de Cabo Verde, vem, agora, prestar os seus serviços para a Metrópole.

Com os nossos cumprimentos, igualmente, lhe desejamos as melhores bênçãos de Deus no seu novo campo de trabalho.

Divisão Sul-Europeia. — A fim de assistir e orientar os trabalhos das Assembleias, vieram até nós os prezados Irmãos Fridlin, Kohler e Cupertino, respectivamente, Presidente, Secretário e Director da Associação Ministerial da Divisão Sul-Europeia.

A estes nossos dilectos Irmãos, cuja presença entre nós, é sempre motivo de grande alegria, apresentamos, cordialmente, as nossas fraternais saudações cristãs com os votos de que o Senhor continue, sempre, a abençoar os seus trabalhos para bem das almas e para abreviar a Volta do Salvador.

A Mensagem pelo telefone. — Continua a despertar o maior interesse a *Mensagem pelo telefone*. As chamadas sucedem-se ininterruptamente, sinal de que a Mensagem é bem acolhida. Praza a Deus que também possa, mediante o conforto que leva às almas, ganhá-las, finalmente para o Salvador.

A PÁGINA

DO COLPORTOR

ORLANDO COSTA

Pode dizer-se, de uma maneira geral, que acabaram as férias, pelo menos, as denominadas «férias grandes». Os estudantes regressam à escola, os empregados voltam ao trabalho para retomar as tarefas que ficaram interrompidas, durante alguns dias, durante algumas escassas semanas.

Regresso ao trabalho! Mas o trabalho teve de manter-se contínuo, porque a vida espiritual não pode ter férias. É precisamente, no tempo das férias que melhor campo de trabalho se depara ao colportor.

Aproveitando as melhores disposições psicológicas pode ele apresentar a página impressa que tão bem se coaduna com aquele período de repouso.

Mas as férias findaram e há que regressar à normalidade. Novamente os nossos dedicados Colportores vão retomar as suas viagens, deambulando, às vezes, por lugares quase intransitáveis, calcurriando caminhos pedregosos, batendo a todas as portas que nem sempre se en-

treabrem acolhedoras nem simpáticas. Mas, sem esmorecer, lá o vemos desempenhando-se da sua nobre missão de disseminar a Mensagem, mediante a página impressa. O nosso trabalho da Colportagem demanda muito espírito de sacrifício e de consagração. Animados, porém, o pensamento de sabermos que estamos trabalhando na Causa de Deus servindo-nos de meios ricamente abençoados.

«Uma das principais causas de ineficiência mental e fraqueza moral, é a falta de concentração para fins dignos. Orgulhamo-nos da vasta difusão de literatura; mas a multiplicação de livros, até os que em si mesmos não são perniciosos, pode ser um positivo mal. Com a imensa maré de material impresso a derramar-se constantemente do prelo, velhos e jovens formam o hábito da leitura apressada e superficial, e a mente perde a sua capacidade para um pensamento contínuo e vigoroso. Além disso, uma participação abundante das revistas e dos livros que, à semelhança das rãs do Egipto, se estão espalhando por esta terra, não é meramente coisa banal, ociosa e enervante, mas impura e degradante. O espírito e o coração indolentes e sem objectivos, são fácil presa do mal». (*Educação*, pág. 188, 189).

A toda essa onda de literatura deletéria temos de opor a nossa literatura divinamente aprovada. Temos de nos servir das mesmas armas do inimigo, travando, porém, o bom combate. É certo que o trabalho do colportor é difícil; mas, por outro lado, ele bem sabe que

conta com a ajuda especial de Deus no seu trabalho, e ainda com as orações dos irmãos e irmãs — que sempre os há para se lembrarem da Colportagem. Lemos ainda nos escritos inspirados da Mensagem do Senhor: «O Senhor convida a nossa mocidade a trabalhar como colportores e evangelistas, a fazer trabalho de casa, em casa nos lugares em que ainda não foi ouvida a verdade. Dirige-se aos nossos jovens, dizendo-lhes: «Não sois de vós mesmos», «porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus». Os que saem a trabalhar sob a direcção de Deus, serão maravilhosamente abençoados». (*Testemunhos*, vol. VIII, pág. 229).

Por isso os nossos Colportores saem sempre animados para o seu campo de trabalho, porque sabem firmemente que Deus os está abençoando.

E depois, quantas e maravilhosas experiências não têm eles para nos contar! São essas experiências que desejamos transmitir aos nossos prezados Irmãos e Irmãs através desta Página do Colportor. Não esperamos que eles nos escrevam artigos doutrinários; basta que nos relatem as suas boas experiências — e todos as têm — para estímulo próprio e edificação de todos. Oremos todos continuamente pelo bom êxito do trabalho dos nossos Colportores e não deixemos de lhes testemunhar a nossa simpatia sempre que os encontrarmos.

ADENDA — Por lamentável lapso de ordem tipográfica, não foi mencionada, no último artigo desta página da autoria de Isaías da Silva a origem do estudo ali apresentado, extraído de um folheto intitulado «Um País chamado Paraíso».

CALENDÁRIO

DE OUTUBRO

- Dia 5 — Dia da *Voz de Profecia* (Inscrições para a Escola Rádio-Postal).
Oferta para o fundo de Rádio.
- Dia 12 — Dia de visitas à Escola Sabatina.
Dia da *Revista Adventista*.
- Dia 26 — Dia da Temperança.

O 11.º Acampa



O Director da União Portuguesa durante o culto de Sábado

«As belezas naturais possuem uma língua que nos fala incessantemente aos sentidos. O coração aberto pode ser impressionado com o amor e a glória de Deus, segundo se revelam nas obras das Suas mãos. O ouvido atento pode ouvir e compreender as comunicações de Deus através das obras da natureza. Há uma lição na luz solar, e nos vários objectos da natureza apresentados por Deus ao nosso olhar. Os campos verdejantes, as árvores altaneiras, os botões e as flores, a nuvem que passa, a chuva que cai, as fontes rumorejantes, o sol, a lua e as estrelas do céu, tudo nos convida a atenção e incentiva a meditar pe-

dindo-nos que nos familiarizemos com Deus, que tudo isso criou» — E. White.

Desde há longos anos que o Departamento dos M. V. da Conferência, se tem preocupado com a nossa juventude e por todos os meios ao seu alcance, sem olhar a gastos e dificuldades tem realizado acampamentos anuais, em vários lugares, com a duração de 10 dias, para que no binómio campo-praia os jovens das nossas Igrejas tonifiquem a sua saúde física e em contacto com a natureza se aproximem mais de Deus.

Dentro deste princípio realizou-se este ano o 11.º Acampamento dos

O Pastor Casaca dirigindo o culto no Sábado



M. V. tendo sido escolhida a cidade da Figueira da Foz, lugar privilegiado pela sua bela praia, beleza paisagística do seu campo e pelo seu clima ameno.

De 15 a 25 de Agosto tivemos neste encontro a participação de 110 jovens, aproximadamente, representando desta forma quase todas as nossas igrejas. E num lugar bem escolhido e bem preparado dispondo de instalações regulares, soalheiro, ar purificado pelos pinheiros e onde uma cozinha sempre farta, funcionando sempre a tempo e horas, dando a todos os campistas os mais variados alimentos, dentro do regime vegetariano, fizeram com que tudo contribuisse para o bom êxito deste nosso acampamento.

A direcção deste acampamento esteve a cargo dos seguintes irmãos: Director, Pastor M. Laranjeira; Administrador, Pastor Eliseu Miranda; Preceptor, Ir. Joaquim Dias; Preceptora, Ir.ª Maria Rosa Baptista, dando-nos ainda a sua boa colaboração o Pastor A. Casaca, Secretário do Departamento dos M.V. da União, com os seus conselhos e experiência; O Missionário, Ir. Carlos Esteves como electricista e montador de som; Ir. Daniel Cordas responsável pela secção musical.

Valiosa e preciosa foi ainda a presença do Ir. Henrique Codegon, que com alguns jovens da vizinha Espanha, nos deu uma boa colaboração e em muito contribuiu o seu auxílio, boa vontade e saber para tornar mais agradável este encontro.

O Tema do Acampamento foi: «Na Tua mão há força e poder». Foi feito um cartaz alusivo a esta legenda, que era um convite pela imagem, para que todos os jovens coloquem a sua vida, problemas e dificuldades, nas seguras e fortes mãos do Divino Mestre.

O nosso programa bem elaborado, tinha lugar, para que tanto as actividades físicas como espirituais se pudessem realizar. Além do izar e do arrear da bandeira, que sintetizam os nossos deveres para com a Pátria amada, tínhamos o banho na praia da Figueira, que foi preju-

mento dos M.V.

dicado um tanto pela brisa fresca que todas as manhãs se fazia sentir. Reuniões de Meditação, feitas por alguns Obreiros presentes, seguidas de orações por grupos, para que assim se desse maior possibilidade de prece a todos os jovens. As Classes Progressivas, para aperfeiçoamento dos jovens e lhes dar maior possibilidade de serem úteis a si mesmos e ao seu próximo. «Problemas da Juventude» foi uma rubrica de perguntas e respostas em que se procurou resolver alguns dos problemas que assediam a nossa ju-



O Director da União Portuguesa procedendo ao exame doutrinal dos candidatos ao baptismo



O Pastor Samuel Reis baptizando os jovens MV.

ventude. Cânticos e Hora Social que consistia em projecção de filmes, *slides*, jogos ou apresentação do programa das diferentes igrejas.

Fez-se um belo passeio à serra da Boa Viagem, lugar não longe do acampamento e que foi motivo para exercitar os jovens nas vantagens da marcha a pé (à antiga). Assim em plena mata, junto das majestosas árvores podemos tomar o nosso almoço e para complemento desta jornada tivemos o privilégio de ouvir um interessante estudo sobre Astronomia pelo irmão Eng. Casimiro da igreja de Coimbra. Depois voltámos ao arraial passando pelo Cabo Mondego e Buarcos.

Durante a nossa estada, é-nos grato salientar a visita de alguns bons irmãos. Assim no 1.º Sábado ali passado esteve connosco o Ir. Dr. Samuel Ribeiro, que nos fez o culto, tendo a sua mensagem caído bem fundo no coração de todos os presentes. Na quarta-feira dia 21, o Pastor Manuel Leal, apresentou uma palestra intitulada «As abelhas e o mel». Este tão importante assunto sobre apicultura, os seus mistérios e encantos, prenderam a nossa atenção e muito contribuiu para o nosso esclarecimento neste campo. Ainda

(Continua na pág. 24)

A distribuição das tendas no Acampamento

